

# Procurando Conciliar o Papel Parental com o de Trabalhador

Cristina Araújo Martins<sup>1</sup>

## Resumo

**Introdução:** Criar um filho é um desafio de grande responsabilidade e exige profundas transformações e adaptações na vida dos Pais, nomeadamente a conciliação de papéis. Este artigo descreve a categoria – **Procurando conciliar o papel parental com o de trabalhador** – constituída pelas subcategorias: “preparando com antecedência o regresso ao trabalho”, “pensando em substitutos maternos para o bebé”, “reorganizando de novo rotinas e actividades a cumprir” e “dividindo-se entre ser pai e trabalhador”, referente a estratégias de acção que os Pais realizam frente ao fenómeno e o modo como as conduzem.

**Objetivos:** Compreender como se desenvolve a transição para o exercício da parentalidade durante os primeiros seis meses de vida da criança. O conhecimento e a compreensão destas experiências parentais são fundamentais para os enfermeiros poderem apoiar os Pais nesta transição.

**Metodologia:** Grounded Theory. Recolha de dados a partir de entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Participação de cinco casais no estudo.

**Resultados e discussão:** As mulheres tendem a usar um maior número de estratégias de conciliação do que os homens, especialmente relativas à redistribuição de tarefas em casa, e experienciam maior preocupação com o uso de estruturas de apoio familiar e profissional ao bebé, achados estreitamente relacionados aos papéis mais tradicionais de género que são assumidos após o nascimento dos filhos. Nos homens não se verificam muitas cédências na carreira profissional após serem pais, mas há a consciencialização da necessidade de apoio emocional à família e de cumprimento de múltiplos papéis.

**Conclusão:** Os resultados permitem-nos equacionar a importância de medidas formais e informais de apoio à família implementadas pelos enfermeiros, que visem minimizar as experiências de tensão na conciliação de papéis, assim como de formação/sensibilização colectiva para a partilha dos papéis dentro e fora da família entre homens e mulheres, que contribuam para a diminuição da sobrecarga materna.

**Palavras-chave:** Conciliação de papéis; parentalidade; género

## Abstract

**Background:** Raising a child is a great responsibility challenge and demands deep transformation and adaptation in the parents' lives, namely role conciliation. This paper describes the category – Trying to conciliate the parental with the work role – constituted by the subcategories: “preparing the return to work in advance”, “thinking of maternal substitutes for the baby”, “reorganizing routines and activities to be fulfilled once again” and “dividing oneself between being a father and a worker”, referring to action strategies which parents realize facing the phenomenon and the way they carry them.

**Aims:** To understand how the transition to parenthood practice develops during the child's first six months. The

<sup>1</sup> Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Assistente do 2º Triénio (cmartins@ese.uminho.pt)

knowledge and understanding of these parental experiences are fundamental for nurses to be able to support parents during this transition.

**Methodology:** Grounded Theory. Data collection based on semi-structured interview and participant observation. Five couples participated in the study.

**Results and discussion:** The women tend to use a larger number of conciliation strategies than men do, especially in relation to redistribution of domestic chores, and experience greater concern over the use of professional and family support structures for the baby, findings strictly related to more traditional gender roles taken on after the children's birth. When it comes to men, not many compromises in their professional careers are seen after they become fathers, but there is awareness of the need of emotional support for the family and fulfilment of multiple roles.

**Conclusions:** The results allows us to equate the importance of formal and informal measures of support implemented by nurses for the family, which aim to minimize tension experiences when conciliating roles, as well as training/raising awareness regarding the sharing of roles inside and out of the family between women and men, contributing to diminish the mother's overburden.

**Keywords:** Role conciliation; parenthood; gender

## Introdução

O nascimento de um filho é, habitualmente, encarado como um dos acontecimentos mais importantes e marcantes na vida dos progenitores e da família. Aciona um percurso irreversível, que no caso de ser o primeiro, corresponde ao início de uma nova etapa do ciclo vital, em que homem e mulher, até então somente parceiros, adquirem os novos papéis de pai e mãe (Canavarro, 2001). Esta transição da função conjugal para a parental (Relvas, 2004) exige reorganização e implica transformações e adaptações significativas, que modifica decisivamente a identidade, papéis e funções dos Pais e de toda a família (Colman e Colman, 1994; Relvas, 2004). Um filho implica mudanças nas rotinas, maiores responsabilidades e diminuição do tempo para o casal, podendo gerar tensões conjugais. Além disso, a crescente integração das mulheres no mercado de trabalho coloca os casais perante o desafio da conciliação das esferas trabalho e família, em geral, e/ou trabalho e parentalidade, em particular.

A introdução na parentalidade pode, assim, resultar num desequilíbrio, sob a perspectiva de conflito de papéis (conjugal, parental, laboral). A relação conjugal, as experiências da família de origem, as expectativas quanto ao trabalho de casa e de cuidado infantil, o trabalho remunerado e o envolvimento de amigos e família, são fatores pré-natais que predizem o ajuste familiar e a satisfação marital depois do nascimento, destacando-se o não cumprimento de expectativas acerca da divisão de tarefas domésticas e de cuidado infantil como fator pivô do declínio matrimonial (Martins, 2009).

Até à data, a investigação realizada sobre a transição para a parentalidade não tem permitido a compreensão da natureza complexa do fenómeno por abordar os seus componentes de forma parcelar. Os estudos têm enfatizado preferencialmente os comportamentos parentais e os processos que regulam esses comportamentos (Holden e Miller, 1999), e revelam uma amplitude de temas em função das características da criança (idade, sexo, temperamento), das características dos pais (género, qualidade da relação conjugal) e de fatores extra familiares (trabalho remunerado, suporte, contexto) (Cruz, 2005). A maioria da investigação em enfermagem tem estado, por outro lado, relacionada com a parentalidade de crianças doentes, com limitações físicas ou de desenvolvimento.

O presente estudo tem com a finalidade desenvolver uma teoria de médio alcance em enfermagem sobre o processo de transição para o exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança, que contribua para melhorar a prática dos cuidados de enfermagem prestados à família nesta etapa do ciclo vital.

## Metodologia

A complexidade da experiência de ter um filho conduziu-nos ao paradigma qualitativo de investigação e à metodologia Grounded Theory, por ser uma abordagem adequada em situações de natureza psicossocial que carecem de teorização e desenvolvimento de conhecimento acerca do seu processo e estrutura, sem descurarmos a sua potencialidade para desocultar emaranhados detalhes dos fenómenos, nomeadamente sentimentos, processos de pensamento e emoções, que são difíceis de extrair ou compreender através dos métodos de investigação mais convencionais (Strauss e Corbin, 2008).

A recolha de dados decorreu no domicílio dos Pais, entre Junho de 2009 e Setembro de 2010, em momentos distintos deste processo de transição, aos primeiros dias, 1º, 4º, 6º e 12º mês de vida da criança, acompanhando, parcialmente, as idades-chave de vigilância infantil recomendadas pela Direcção-Geral da Saúde. Os dados foram colhidos através de observação participante e entrevistas semi-estruturadas, orientadas por um guião de questões abertas, que permitiu fazer as adaptações necessárias na exploração dos conceitos emergentes. Em cada momento de colheita de dados foi realizada entrevista em separado ao pai e à mãe sobre a experiência de parentalidade, seguida de uma breve entrevista em conjunto. Realizámos, no total, 75 entrevistas, a 5 casais, com idades entre 26 e 32 anos e filho nascido de termo e saudável (4 do sexo masculino e 1 do feminino). Foi também realizada observação das interações familiares e das práticas instrumentais de cuidados à criança, no próprio dia e alguns dias após as entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas e subsequentemente transcritas, após obtenção do consentimento informado, livre e esclarecido dos participantes e assegurando a confidencialidade dos dados e o anonimato.

O tratamento e a análise dos dados cumpriram as etapas de codificação do corpus – codificação aberta, axial e seletiva – até à formulação de proposições teóricas, resultantes da análise das relações entre categorias, tendo sido realizados com recurso ao programa NVivo 8.0. A recolha, codificação e análise dos dados ocorreram de modo simultâneo e recursivo, num processo evolutivo constante.

## Análise & discussão dos resultados

Os resultados que aqui apresentamos dizem respeito aos primeiros quatro momentos de colheita de dados e à categoria **“Procurando conciliar o papel parental com o de trabalhador”**. A escolha por apresentar esta categoria deve-se ao facto de ser Pai e profissional exigir dos progenitores a necessidade de ajustar os seus inúmeros afazeres na esfera familiar e laboral, ainda em pleno período puerperal. Evidencia estratégias e opções alternativas de cuidados, escolhidas para amenizar o futuro regresso da mãe ao trabalho, assim como para minorar a difícil convivência entre a realidade de ser pai/mãe e operário(a), quando se encontram no ativo, o que Paradigm model (Strauss e Corbin, 2008) denomina de ações que os Pais realizam frente ao fenómeno. Compreende as subcategorias: “preparando com antecedência o regresso ao trabalho”, “pensando em substitutos maternos para o bebé”, “reorganizando de novo rotinas e atividades a cumprir” e “dividindo-se entre ser pai e trabalhador”.

**Preparando com antecedência o regresso ao trabalho** mostra como as mães desde muito cedo tentam minimizar o impacto que este possa vir a ter em si e no bebé. Assim, planeiam o retorno à atividade a meio tempo, pelo menos numa fase inicial, e experimentam trabalhar e deixar o bebé ao cuidado de outrem, com a intencionalidade de uma adaptação gradual de ambos; guardam leite para manter a amamentação, e assim assegurarem leite materno para ser oferecido ao filho na sua ausência; e preveem alternativas alimentares para suplementar a

amamentação durante o período de ausência.

*o facto de ser duas ou três horas e voltar, e no dia seguinte duas ou três horas, poder ser um dia de manhã outro de tarde, poder ir um dia o outro não ir, (...) já optei por fazer assim para ir..., tanto eu como ele, nos adaptarmos um bocadinho a ter que começar a vida normal no trabalho...* (Clara)

*ela ficou lá com a minha mãe e eu tive a trabalhar, tive a trabalhar?!, estive a resolver uns assuntos lá, ahm... prontos, estava lá..., (...), tive duas ou três tardes assim, já sei que o ritmo vai ser mais ou menos esse* (Daniela)

Estes são relatos do período puerperal. Com 4 meses de maternidade e o aproximar do dia em que reassumirá a responsabilidade profissional, a preparação desenvolvida parece ser cada vez mais intencional e definida, com detalhes que tentam operacionalizar como será possível conciliar os dois papéis, planeando a jornada diária. Ao arquitetar adiantar as lidas da casa de véspera, dar de mamar antes de sair de casa e à chegada, e dispensar tempo ao filho quando regressar do trabalho, a mãe procura readaptar-se e reelaborar o seu desempenho no papel de mãe, com ajuste de horários e tarefas.

*ao fim da tarde, já, prontos, aí vou ter que começar a organizar tudo para no outro dia ir trabalhar, adiantar o comer, para depois fazer... fazer quando chegar a casa ou... ou o Vasco acabar..., (...), vou ter que ter mais essa preocupação, não é?!, porque agora... eu agora tinha tempo, se não fizesse agora fazia mais daqui a bocado e uma pessoa indo trabalhar, claro, que já vai ter que ter mais aquela rotina, não é?! (Sofia)*

*É assim, de manhã, quando sair vou-lhe dou o peito, quando chegar... vou-lhe... vou-lhe dar a... a maminha, depois quero estar com o meu filho* (Sofia)

Procura também acomodar quem virá a ser o seu substituto, de modo a poder sentir-se segura estando ausente. Para isso, demonstra a técnica do cuidar, ensinando, por exemplo, o pai a fazer a papa, “fiz para lhe ensinar como é que se fazia, para depois quando ele ficar com o menino” (Sofia), e despende tempo com a pessoa que tomará conta do filho antes de o deixar aos seus cuidados, “fui com ele à ama e tudo para ele não... não estranhar” (Sofia), procurando envolver quem vai cuidar do bebé. Dessa forma, sente-se afeiçoada que pode contar e confiar nas pessoas encarregues de zelar pela criança.

Esta subcategoria deixa transparecer, tal como Lipovetsky (2007) anuncia, que quando a mulher concebe a possibilidade de se perceber na condição de mãe e profissional, chama para si todas as responsabilidades que são peculiares ao papel parental desempenhado. Enquanto mulher-mãe procura soluções para continuar a zelar pelo bem-estar e necessidades do filho, tenta esmerar-se, dar o melhor de si, numa tentativa de superar a condição de dupla jornada. São resultados que continuam a reconhecer os papéis tradicionais de género, que assumem a principal responsabilidade pelo cuidado aos filhos como sendo da mulher. Esta, ao não dividir com o homem as responsabilidades no cuidado infantil, especialmente o trabalho invisível de preocupação e planeamento deste cuidado, reproduz o modelo vigente.

A quem deixar o filho quando a licença de parentalidade chegar ao fim é uma dúvida que paira sobre os casais que, **pensando em substitutos maternos para o bebé**, procuram equilibrar as suas possibilidades com a vontade de fazer o melhor por ele. Desde a gestação que o assunto preocupa as mães, que não resistem à tentação de aneter o futuro em relação à colocação do bebé em meios de qualidade aquando do seu retorno ao trabalho, elas que estão conscientes do limitado leque de opções disponíveis e de que ninguém cuida como elas, sustentadas nos argumentos de que uma ama não é como a mãe, de que todos têm ideias mirabolantes e de que o pai acaba por ser a opção menos má, dentro das alternativas possíveis, porque sempre é pai. O tempo parece esvair-se apressada-

mente e as dúvidas, preocupações e dilemas de saber a quem confiar o filho assaltam as progenitoras, como uma decisão complicada de tomar, que merece ser ponderada, mesmo que aparentemente tudo pareça estar facilitado.

*Um bocadinho... Se calhar, se ficar com outra pessoa, eles... não tem, sinto-me à vontade de chamar atenção, e se calhar se for com a minha sogra, já vou ficar mais... com um pé a trás, mas..., por outro lado, se calhar fica mais bem cuidado pela minha sogra do que por... por uma ama, não sei, é... é uma decisão muito complicada! (...) Ehm, o mais certo é ficar..., a avó está sempre a dizer que quer ficar com ele. (Sílvia)*

Qualquer decisão sobre a alternativa de cuidados para o filho apresenta-se difícil de ser adotada. O recurso à avó paterna é colocado em causa por deixar intranquila esta mãe, que se vê constrangida e com receio de ter de corrigir a sogra em relação aos cuidados infantis. A ineficácia na educação dos netos é uma das falhas que teme no seu desempenho, que afasta os avós de serem a solução desejada pela permissividade, “eles fazem asneiras e eles...” (Sílvia), e tendência para “dar mimo”: “os avós, prontos, têm sempre mais aquela coisa de dar mimo.” (Sílvia). Por seu lado, as questões da disponibilidade económica e da confiança nos métodos de cuidar e educar os netos, à semelhança dos recebidos na sua própria infância, contam na hora do marido/pai optar pelos familiares.

*Penso que... se ele ficasse na... na minha mãe ou se ficasse na mãe dela, não sei..., era..., para começar era um alívio financeiro muito grande... (...) sabemos que está com família..., apesar de... das pessoas terem estas ideias mirabolantes (...), ei pá, sempre foi da... também foi da maneira como eles nos... nos trataram e... e cuidaram de nós..., se eles fizeram isso por nós acho que... devem saber fazer o mesmo pelos... pelos netos. (Anselmo)*

O descanso de não ter de sujeitar o bebé ao atendimento prestado por uma instituição de acolhimento, com condicionalismos de horários e sem a possibilidade de um acompanhamento individualizado e afetuoso, deixa também uma mãe mais tranquila na sua opção pela avó materna, considerando que a avó cuida como a mãe.

*o facto de também de ele ficar com a minha mãe também me sossega um bocadinho mais do que ir para o infantário, estar lá o dia todo... e saber que se ele chorar, ninguém pega nele, a não ser que seja assim uma coisa..., por isso também me sossega um bocadinho por aí. (...) ele bem, de certeza, que vai estar, também se não estiver bem com a minha mãe também podia não estar comigo, (...) não tenho qualquer dúvida que a minha mãe o vai tratar como se fosse eu... por isso, não é isso que me está a preocupar (Clara)*

Na eminência do regresso ao trabalho, os Pais reequacionam as condições que dispõem para deixar o filho aos cuidados de outrem, sendo cada solução de acolhimento e cuidados infantis ponderada e repensada contrabalançando as suas vantagens e inconvenientes. A opção de eleição recai sobre os serviços de acolhimento instituídos, os infantários/creches, e a sua valorização encontra-se associada a uma série de benefícios que proporcionam às crianças, nomeadamente maior estimulação do bebé e maior interação com outras crianças; ao valor que reconhecem nos profissionais, científica e tecnicamente formados e preparados acerca do desenvolvimento infantil; e às melhores condições físicas que oferecem, comparativamente a outras alternativas, reconhecendo que ficar num infantário tem vantagens.

*porque o estímulo que ela tem... no infantário é sempre muito maior do que o estímulo que ela tem em casa, não... (Ricardo)*

*metê-lo numa... numa creche, que é para ele também começar a interagir com outras crianças, para começar a... a... a se relacionar, que é para não acontecer como muitas crianças que ficam em casa até aos... seis anos e depois quando vão para a escola parecem bichinhos do mato e... e às vezes até nem... nem sabem falar em condições, estão habituados àquele... àquele lamechice dos pais e dos avós a falar para eles (Anselmo)*

*Em tudo, por exemplo, prontos, eu pensava que o infantário tinha, por exemplo, um infantário podia ter melhores condições, (...) as educadoras tinham mais..., prontos, (...) tinham mais experiência, não é?!, isso tudo, por aí (Vasco)*

No anterior depoimento de Anselmo está bem patente o entendimento de que um filho que fica em casa, ao cuidado de familiares, não é tão bem preparado quanto um que ingressa num infantário, sendo-lhe mais difícil a futura adaptação à escola. No entanto, e apesar de reconhecer o infantário como a melhor e mais adequada solução de acolhimento, esta não é a opção adotada. Outros argumentos se impõem no momento da decisão. Um dos inconvenientes que esta solução de acolhimento apresenta é o esforço financeiro que implica. Anselmo e a esposa vêem-se sem possibilidades financeiras no presente para materializar este desejo e sem saber se será possível concretizar no futuro, tendo de optar por deixar o filho aos cuidados dos avós paternos, em quem não depositam total confiança.

*digamos não seja a pessoa indicada, não é que eu não tenha nada contra os meus pais, claro que era bom se ele pudesse ir para uma creche já assim de pequenino, mas... as nossas possibilidades financeiras também não... não o permitem (Anselmo)*

*é só a questão de se o vou pôr ou não ao ano e meio num colégio, mas isso só o futuro o dirá, vai depender de... de várias coisas, como continuar a minha relação com a minha sogra, (...), se a minha paranoiazita passar, e... e em termos financeiros e tudo, vamos ver, não é?! (Sílvia)*

Tendo a possibilidade efetiva dos avós poderem cuidar do filho, todas as famílias optam por essa solução de acolhimento, deixando o “ficar num infantário adiado para mais tarde”. Retardam a institucionalização do bebé até que este seja mais autónomo, mas sem criar excessivo vínculo aos avós, considerando que depois do ano de idade será uma boa altura para fazê-lo.

*se continuar a minha mãe a poder ficar com ela, se acontecer alguma coisa que impossibilite isso, depois aí temos que... (...), numa situação normal não acontecerá, não é?!, só se mesmo houver assim algum... imprevisto que nos obrigue a isso, se não será assim, ela ficará... (Daniela)*

*chegámos a um consenso que... ela teria com... com um ano já tinha... já... já tinha alguma autonomia, entre aspas, não é?!, mas já... já se... já conseguiria provavelmente andar, já... (...) já estaria independente da mama... (Ricardo)*

*em vez de pô-lo aos três anos num infantário, pô-lo... ao ano e meio, porque agora vai-me custar a mim deixá-lo, mas aos três vai-lhe custar a ele deixar os avós, penso eu (Sílvia)*

De qualquer modo, o infantário é o destino traçado para a filha de Ricardo e Daniela, fruto de uma decisão tomada antes do nascimento, “já decidimos isso ainda ela não tinha nascido.” (Daniela), e validada pela inscrição já realizada na instituição de acolhimento escolhida: “Tratamos logo aí das papeladas.” (Ricardo).

O único casal cuja avó materna se encontra em plena vida ativa, logo indisponível para cuidar do neto, vê-se obrigado a equacionar outras opções alternativas. O infantário, sendo desejado, não se mostra adequado para coordenar horários de abertura e fecho compatíveis com o seu regime laboral “por turnos”, esquema que só um domínio particular pode viabilizar. Assim, descubrem que ficar aos cuidados de uma ama tem vantagens, quer para si, pela maior flexibilidade de horário, quer para o filho, pelo menor número de crianças inscritas e conseqüente menor transmissão de infeções.

o Vasco ao primeiro dizia assim “ó achas que é preciso ir para a ama?! Porquê é que não vai para um infantário? E não-sei-quê...”, mas depois eu pus... pu-lo a... pus-me a explicar “olha e for... quando eu tiver que ir trabalhar às... às cinco da manhã, quem é... quem é que vai levar o menino à... ao infantário?”, porque os infantários só tomam conta a partir da... das sete, e a... e eu falei com a ama e a ama disse que tomava conta a partir da... das cinco da manhã, e depois aí ele já concordou (Sofia)

ao início queria ir para um infantário, mas depois andei a ver que um infantário... (...) não tem tudo de bom porque... (...) tem mais crianças, ahm... as... as educadoras não... (...) tem menos atenções para os meninos e tudo, enquanto uma ama dá mais atenção aos meninos, também tem menos crianças (...) porque um infantário... quanto mais crianças tiver, ahm... tiver pior, porque basta uma criança trazer... qualquer doença de casa, as crianças estão todas lá à beira, apanham... apanham todas, (...), enquanto uma ama, por exemplo, (...), na altura ela tinha quê?! 5 crianças, não é?! , prontos, 5 crianças não são muitas, não é?! , mas... enquanto um infantário pode ter 20, 30 (Vasco)

Para os Pais que optam pela solução informal e familiar de acolhimento para o bebé, ficar aos cuidados de familiares tem vantagens. O cuidado por um parente assegura-lhes que o filho está num ambiente afetivo, onde há sempre mais mimo e atenção do que em outras soluções alternativas, “claro que é muito melhor ficar com os avós do que com... uma ama, eu sei que com os avós no amor e carinho não lhe vai faltar” (Sílvia), tendo sido aconselhado pelo próprio pediatra em idades mais tenras. Oferece, ainda, vantagens em termos de segurança, confiança e tranquilidade, além de ser mais barato.

enquanto ele estiver em casa dos meus pais e estiver, se calhar, resguardado um bocadinho do... do mundo exterior, eh... se calhar nós também estamos mais sossegados, tanto a nível... de... doenças e... e isso e mais sossegados um bocadinho financeiramente, porque não precisamos de gastar fortunas em... em creches, como hoje em dia se gasta, muita gente gasta porque é obrigado (Anselmo)

seria super incomodativo para mim... ir... ir... deixar a Mariana... numa ama, que fosse no sentido... literal da palavra, que fosse uma ama que tivesse ali para tomar conta das crianças, isso incomodaria-me, agora assim não, não... (...) eu tenho plena confiança e sei perfeitamente o... o... empenho que têm com o bem-estar dela, por isso... (Ricardo)

Ressalvamos, contudo, que na maioria dos casos, a opção pelos cuidadores familiares se fez por questões pragmáticas, mais do que por se considerar a solução ideal. Usufruíam de uma avó disponível, que vivia por perto ou a residência era mesmo comum e que, ao poder cuidar do bebé, os poupava de recursos exigidos por uma solução paga.

A escolha uma opção não institucionalizada, mesmo que tenha sido tomada por apresentar vantagens que faz dela uma alternativa satisfatória, continua a ser vista pelos Pais, aos 4/6 meses de parentalidade, com algumas reservas, pois nem tudo são motivos de despreocupação. Preservam apreensão educacional em relação ao bebé, porque os avós mimam e não educam e receiam ter de corrigir a sogra a respeito. Para a progenitora, continua a ser inimaginável vir a ser igualada na prestação de cuidados, dado que a ama ou mesmo a avó não é como a mãe.

Os achados deste estudo, quanto à forma mais adequada de cuidado alternativo e à satisfação dos Pais com as escolhas realizadas, são consistentes com a literatura. De facto, há uma diversidade de fatores que afetam a escolha do cuidado alternativo para um bebé, entre os quais se destacam questões culturais sobre a melhor forma de cuidado alternativo, condições socioeconómicas, características dos progenitores e da família, e qualidade do

atendimento dispensado pela creche/infantário. São fatores que interagem sinergicamente e podem potencializar a ação uns dos outros, para uma determinada criança/família e não para outra (Piccinini e Rapoport, 2004). Os Pais, geralmente, são invadidos por muitas dúvidas acerca da melhor forma de cuidado para o filho e sobre a melhor idade para ser colocado numa forma de cuidado não-parental. A tomada de decisão não é uma tarefa fácil. Para a mãe, ter de transferir o seu papel de cuidadora a outra pessoa, que assumirá a responsabilidade de suprir as necessidades do bebé enquanto estiver ausente, é especialmente doloroso.

**Reorganizando de novo rotinas e atividades a cumprir** retrata estratégias que a mulher desenvolve para fazer face às exigências impostas pela nova condição de dupla jornada, quando já se encontra no ativo. Ter um filho, cuidar da casa e dar conta do trabalho são tarefas árduas para a mãe que sai cedo de casa e chega ao final do dia. Para dar conta dos vários compromissos assumidos, precisa mobilizar todas as suas forças e organizar minuciosamente o seu tempo. Assim, passa a acordar mais cedo para ter tudo pronto antes de sair de casa, a deitar-se tarde para cumprir todas as tarefas, ou a distribuir as lidas da casa por mais dias na semana, gerindo tempo e atividades para poder continuar a dedicar alguma atenção ao filho.

*para ir trabalhar, para poder deixar tudo prontinho, porque se não tenho medo de... de me esquecer de alguma coisa (...) e há horas que eu dizia “já estou atrasada, já estou atrasada!”, ele “fogo, ainda é tão cedo e já estás atrasada?!”*, eu “senão não tenho tempo para me despedir do menino!” (Sílvia)

*são mais tarefas e é muito complicado, e eu tenho ali uma carga de roupa para passar e não sei o que é que vou... como é que vou fazer, o que vale é que vou ficar em casa estes dias (...), deito-me tarde e más horas, mas vou fazendo as coisas* (Sílvia)

*eu dantes começava à sexta, agora começo à quinta!, tem que ser, porque eu também quero estar com ele e assim eu... começo cedo que assim tenho tempo para estar com ele, faço um bocadinho por dia, (...), optei por... por dividir as tarefas por mais dias, assim já posso estar...* (Sofia)

Delegar a confeção da sopa na ama para rentabilizar o tempo é outra estratégia que Sofia, em particular, implementa ao retomar a atividade laboral, e que lhe permite, em simultâneo, promover o esvaziamento mamário ao dar de mamar antes de sair de casa para o trabalho. Continua a esforçar-se por guardar leite para manter a amamentação, aproveitando todas as oportunidades para fazer “uma despensinha no frigorífico de leite, para depois... (...), ando sempre com a bomba atrás de mim” (Sofia).

*pedi à ama para... para lhe dar ela a sopa, mesmo no turno da tarde, que eu no primeiro dia... (...) tive que estar a perder tempo a dar-lhe a sopa, depois ao fim... eu tinha que tirar com a bomba porque se não eu não ia aguentar no trabalho, e eu falei com ela, eu assim “não dava para você dar a sopa à tarde?”* (Sofia)

A mulher-mãe procura, assim, redefinir e reinventar sua própria vida, mas acaba confirmando que é complicado agilizar diferentes papéis, tal como este estudo revelou numa outra categoria. Vê-se a chegar a casa tarde depois do dia de trabalho e com pouco tempo para realizar tantas tarefas, exigindo-lhes maior coordenação e ligeireza. Outros estudos comprovam que são geralmente as mulheres que experimentam mais stress e tensão pela participação em múltiplos domínios, e que procuram fazer uso de mais estratégias para a sua gestão (Hill, 2005), resultados estreitamente relacionados aos papéis mais tradicionais de género que são assumidos após o nascimento dos filhos (Katz-Wise, Priess e Hyde, 2010).

Os homens também travam uma luta para tentar conciliar o papel parental e o de operário, **dividindo-se entre ser pai e trabalhador**. Mostram-se contentes com a sua nova condição de vida e conscientes de que um filho

requer presença e atenção da sua parte, mas não podem pôr de parte a profissão. Dependendo das exigências e condescendências do contexto de cada pai, tendem ora para um papel, ora para outro, sentindo que são muitas as tarefas a que têm que dar resposta, que é necessário tentar conciliar bem as coisas, “o binómio entre o trabalho e o... e o cuidado com o... com a família” (Manuel), tentar dar resposta às necessidades do momento, não excluindo situações de acompanhamento da vigilância de saúde do filho, e tentar dar resposta à atividade laboral, mesmo em pleno gozo da licença parental a que legalmente têm direito, durante o período neonatal.

*sou encarregado e sou... técnico... de programação. (...) por isso que eu tenho de... conciliar bem, tentar ir à fábrica uma hora ou duas, fazer o que é preciso e voltar a vir para... para ajudar a Sílvia no que é preciso, e estar com ela e com o Alfredo, que acho que é importante.* (Anselmo)

*uma coisa é, lá está, é o dia-a-dia normal, agora as necessidades, acho que, se for necessário estar no trabalho, a família naquele momento não precisa de mim, acho que... convém estar no trabalho, se a necessidade assim o exige, se a família necessita de mim, tenho de estar na família e... e não no trabalho... se necessitar os dois, olha não sei..., isso é mais complicado!* (Anselmo)

*se a Clara precisar ou se o bebé precisar de ir a uma consulta e precisar de... de acompanhamento, é uma manhã ou uma tarde, e então aí eu... tenho todo o gosto em acompanhar, agora fora disso... tenho que... tenho que tentar regressar à minha vida normal porque... muitas pessoas dependem de mim* (Manuel)

Nos 6 meses que se seguem de atividade laboral, Manuel implementa a estratégia de tentar chegar o mais cedo possível a casa para poder desfrutar da companhia do filho ao fim de um dia de trabalho e tentar compensar o tempo que passa a menos com o bebé. Esta tentativa de compensação é, contudo, mais marcada ao fim-de-semana, quando há “mais disponibilidade e que aproveito para... para cultivar esta..., pronto, esta interação... entre os dois” (Manuel).

*tentar chegar mais cedo, à noite, e por aí fora, para... para estarmos com ele, (...) depois de um dia de trabalho, que é agradável chegar a casa e estar com ele... (...) quando estou com ele à noite tento... tento compensar essa... essa... esse tempo... esse tempo em falta, vá lá.* (Manuel)

Tentar conciliar bem as coisas e dar resposta às necessidades do momento são estratégias que se mantêm presentes aos 4/6 meses de exercício simultâneo do papel paternal e de operário.

O facto de os pais estarem preocupados com estas questões e, segundo Guerreiro e Carvalho (2007), assinalarem elevados índice de stress devido à falta de tempo para a família é um indicador de como a questão da conciliação e da parentalidade é cada vez mais uma preocupação de muitos homens.

## Conclusões

Através deste estudo foi possível lançar um olhar sobre as trajetórias de vida de pais e mães trabalhadores, para a articulação entre parentalidade e trabalho. Em relação à maternidade, os testemunhos apresentados possibilitaram compreender o preceito que a desenha como experiência similar para todas as mulheres. Tomando de antemão a conciliação de papéis como problemática e necessária, as mulheres, desde cedo, propõem soluções alternativas de cuidados e reajustam rotinas e tarefas, com implicações inevitáveis nos modos de ser mãe e trabalhar. Nos homens, o exercício efetivo do papel parental implica maior tomada de consciência da necessidade de apoio emocional à família e de cumprimento de múltiplos papéis. O desinvestimento masculino na carreira

profissional não se verifica, nem é equacionado. As estratégias utilizadas pelos progenitores para conciliar o papel parental com o de profissional tiveram, assim, enfoques distintos consoante o género parental. Desconstruir a problemática da articulação entre parentalidade e trabalho permitiu colocar o exercício dessas duas funções como “problema” da mulher na contemporaneidade, na medida em que a chegada de um filho ativa estes papéis de género e contribui para a maior sobrecarga feminina.

Apesar dos resultados terem demonstrando a preponderância das estratégias de conciliação de natureza familiar, é importante que uma intervenção nesta temática responsabilize organizações e a sociedade, em geral, por problemática, dando particular atenção às mulheres que se tornam mães. Os enfermeiros poderão dar o contributo inestimável neste domínio, implementando medidas formais e informais de apoio à família, com vista a minimizar as experiências de tensão na conciliação de papéis, assim como de formação e sensibilização coletiva para a partilha dos papéis dentro e fora da família entre homens e mulheres, que contribuam para a diminuição da sobrecarga materna. Estaremos, desta forma, a contribuir para uma transição bem-sucedida, com objetivos de mestria em habilidades parentais e bem-estar emocional (Meleis, 2010).

## Referências bibliográficas

- CANAVARRO, M.C. - *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- COLMAN, L.L. e COLMAN, A. - *Gravidez: A experiência psicológica*. Lisboa: Colibri, 1994.
- CRUZ, O. - *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto, 2005.
- GUERREIRO, M. e CARVALHO, H. - O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa. In WALL, K. e AMÂNCIO, L. - *Família e género em Portugal e na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. p. 93-128.
- HILL, J. - Work-family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support. *Journal of Family Issues*. Vol. 26, 6 (2005), p. 793-819.
- HOLDEN, C.W. e MILLER, P.C. - Enduring and different: A meta-analysis of the similarity in parent's child rearing. *Psychological Bulletin*. Vol. 125, 2 (1999), p. 223-254.
- KATZ-WISE, S., Priess, H. e Hyde, J. - Gender-role attitudes and behavior across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*. Vol. 46, 1, (2010), p. 18-28.
- LIPOVETSKY, G. - *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARTINS, C.A. - Transição para a parentalidade: Uma revisão sistemática da literatura. In ESEP *Da investigação à prática de Enfermagem de Família* [e-book], Porto: Linha de Investigação de Enfermagem de Família, 2009. p. 115-127.
- MELEIS, A.I. - *Transitions Theory: Middle Range and Situation Specific Theories in Nursing Research and Practice*. New York: Springer Publishing Company, 2010.
- RAPOPORT, A. e PICCININI, C.A - A escolha para o cuidado alternativo para o bebé e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, Vol. 9, 3 (2004), p. 497-503.
- RELVAS, A.P. - *O Ciclo Vital da Família: perspectiva sistémica*. 3.ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- STRAUSS, A.C. e CORBIN, J. - *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing Grounded Theory*. 3rd ed. London: Sage Publications, 2008.